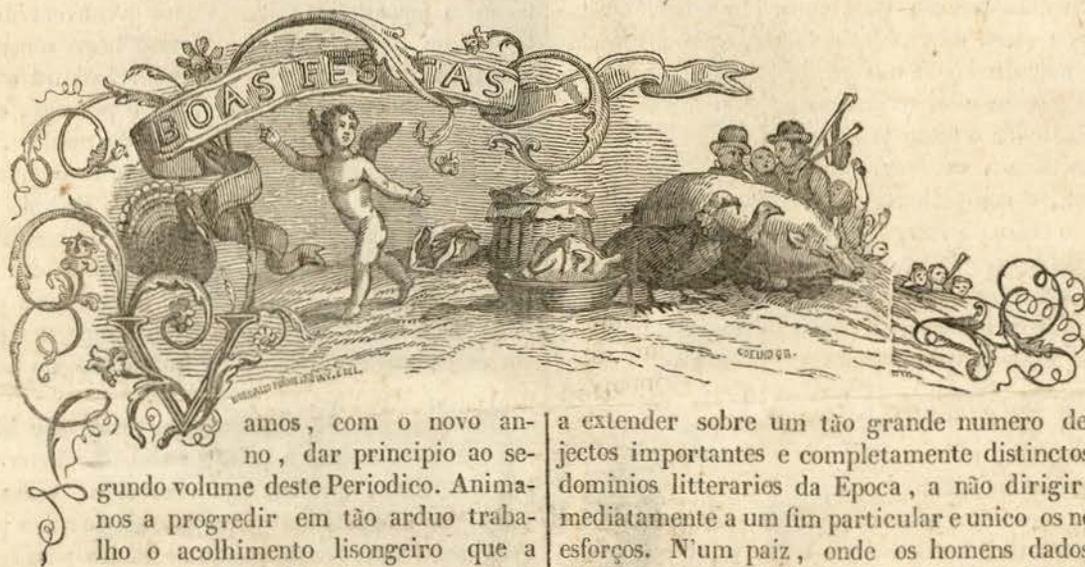


A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.



amos, com o novo anno, dar principio ao segundo volume deste Periodico. Animamos a progredir em tão arduo trabalho o acolhimento lisongeiro que a « EPOCA » tem tido das pessoas illustradas do paiz, e que se dedicam á agricultura ou a qualquer outro ramo de industria.

Quando empreendemos a publicação desta folha, não nos sentiamos dominados por uma vaidade, que — se existisse — não mereceria desculpa; foi só um desejo ardente de popularisar as sciencias que teem uma applicação immediata na industria, de propagar os bons principios economicos e sociaes, de tornar conhecidas as idéas em que se fundam as artes na sua pureza ideal, e a litteratura na sua expressão mais verdadeira e sublime, que nos deu ousadia bastante para affrontar as difficuldades sem numero que encerra em si uma publicação periodica da natureza desta nossa.

O programma que apresentámos resumidamente na introdução do nosso primeiro numero era vasto, muito vasto de mais para um só jornal; mas explicámos então as razões que nos levaram

a estender sobre um tão grande numero de objectos importantes e completamente distinctos, os dominios litterarios da Epoca, a não dirigir immediatamente a um fim particular e unico os nossos esforços. N'um paiz, onde os homens dados ao estudo, e sobre tudo inteiramente consagrados a uma qualquer especialidade são em tão pequeno numero; os periodicos, para serem lidos, isto é, para poderem ser uteis, devem ter variedade nos assumptos, amenidade na fórma, e excitarem a curiosidade ou pela novidade da materia, ou pelo seu interesse palpitante. Conhecemos, confessamol-o francamente, que o nosso programma não foi executado ainda em toda a sua extensão: sobreram-nos para isso os desejos, mas faltaram-nos muitas vezes as forças, e o espaço. Não é nos estreitos limites de um só volume que se podem agitar todas as questões que interessam a vida social, a vida scientifica, a vida moral e litteraria de um povo: são necessarias muitas paginas profundamente meditadas, muitas e penosas vigílias para levar a cabo obra tão vasta como essa. Temos porém a consciencia de que não nos apartámos, no pouco que temos feito, dos principios que se acham consignados nesse program-

ma; porque nos dirigiu sempre a nossa fé nesses princípios, o nosso amor pela verdade, e a esperança de sermos uteis á patria.

A Epoca tem sido considerada por alguns individuos, desses que — podendo receber a instrucção nos livros e nos cursos especiaes, procuram só no jornal o ligeiro passatempo, a poezia lirica, a revista chistosa, ou mesmo o epigramma pungente — *como um periodico pezado de estillo*, extenso de mais no seu modo de tratar as questões, em fim como um periodico, permitta-se-nos repetir a frase com toda a sua simplicidade e dureza, *a maior parte das vezes massador*: a esses individuos porém diremos nós, apesar da muita consideração que temos por elles, ou antes por causa dessa consideração, que a sua critica nasce toda de um *qui-pró-quó*, que não teria logar se elles se dessem ao pequenissimo trabalho de lêr o nosso programma. Por elle veriam quaes foram os assumptos que nos propozemos tratar, e comprehenderiam então que a nossa intenção não foi fazer da Epoca um desses jornaes de *instrucção e recreio*, e que, regra geral que tambem tem suas excepções honrosas, nem instruem, nem recreiam; não quizemos tambem, como se deixa vêr claramente desse programma, crear um periodico de critica litteraria e scientifica, como um que hoje felizmente possui o nosso paiz, e cuja utilidade como excitador do progresso intellectual nós sinceramente reconhecemos; nem tão pouco desejamos rivalisar com as folhas noticiadoras e ricas de receitas e segredos *chimicos*: o nosso alvo era outro. Sentiamos, e muitas pessoas sentiam como nós, que Portugal carecia de uma REVISTA, em que se discutis-

sem e tratassem as questões de interesse publico com o preciso desenvolvimento, para as tornar comprehensíveis áquelles que não podem andar pelas bibliothecas consultando extensos tratados e memorias enfadonhas: uma revista para um paiz tão limitado como o nosso, e onde os leitores são em numero tão diminuto, não podia tomar as proporções das Revistas inglezas, ou desse outro periodico tão conhecido entre nós — *La Revue des deux Mondes*; necessariamente as suas proporções deviam ser menores, o seu estillo mais popular e facil, as suas aspirações menos elevadas. Nós não temos a vaidade de suppôr que prehenchemos a lacuna, que existia na nossa litteratura jornalistica; mas temos o convencimento de que demos o primeiro passo nesse sentido, e abrimos um caminho, que poderão para o futuro trilhar outros mais dignos do que nós, com a certeza de serem bem acolhidos do publico.

Continuaremos pois a seguir em tudo os principios que até aqui nos teem dirigido, fazendo entretanto na fórma, e só na fórma, as modificações, que a experiéncia e os conselhos dos homens instruidos nos indicarem como mais proprias para se alcançar o resultado que nos propozemos, para derramar a instrucção no nosso paiz, que tanto carece della.

Não perderemos occasião alguma de dar logar nas nossas columnas a qualquer trabalho litterario ou scientifico, que nos seja offerecido; todas as vezes que elle satisfizer ás condições do nosso programma. — Aproveitamos esta occasião para agradecer ás pessoas que collaboraram comnosco na redacção do primeiro volume da Epoca, os artigos com que honraram as paginas deste Periodico.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



VAN-DYCK.

Rubens (1), o herdeiro da escola flamenga, o pintor naturalista por excellencia, formou, entre outros, dois discipulos que, seguindo as tradições da sua escola, se tornaram notaveis pelo seu talento, e occuparam um logar distincto entre os primeiros pintores. Estes discipulos foram Jaques Jordaeus e Van-dyck.

Van-dyck nasceu em Antuerpia no anno de 1598. Seu pae era negociante, sua mãe, Cornelia Kersboom gozava de reputação pelo muito gosto e perfeição com que pintava flores. O seu primeiro mestre foi Van Balen; porém os conhecimentos deste artista sendo insufficientes para dirigir a educação de um talento tão esperançoso como, desde a infancia, se conheceu que era o de Van-dyck, este entrou na escola de Rubens,

que lhe ensinou todos os segredos que a propria experiencia lhe tinha revelado na sua arte.

Conta-se de Van-dyck uma anedocta, que prova quanto era já grande o seu saber na epoca em que elle trabalhava ainda debaixo da direcção do mestre. Um dia que Rubens sahio, os seus discipulos estragaram-lhe por acaso uma pintura, em que elle tinha acabado de trabalhar; o accidente teve logar no hombro de uma das figuras do quadro, e a consternação foi geral. No meio da sua afflicção porém, elles decidiram entre si que Van-dyck fosse encarregado de apagar os signaes do fatal acontecimento: na manhã seguinte, quando Rubens voltou para a sala de estudo foi direito ao quadro para observar o resultado do seu trabalho da véspera, como é costume dos pintores, e ficou naquelle dia, como elle proprio o confessou, muito mais satisfeito da sua obra do que na véspera.

(1) Vide o nosso artigo do n.º 26 acerca deste pintor.

Filho de uma escola, cujo merecimento mais relevante, era o imitar com perfeição admirável a natureza, Van-dyck dedicou o seu talento com especialidade á pintura de retratos, por ser a expressão mais completa do naturalismo. De feito no retrato, o pintor não representa o homem typo, mas o homem individuo: a sua primeira obrigação é ser exacto, é colher todos os caracteres de phisionomia, de colorido, e de attitude, que distinguem o individuo. O retratista deve ter a maior attenção, não só em desenhar com correcção, mas sobre tudo em dár á phisionomia dos seus retratos a harmonia, de modo que todas as feições exprimam simultaneamente o mesmo sentimento. Van-dyck alem de copiar dos individuos que retratava o rosto, copiava tambem do natural a estatura.

Este illustre pintor fazia os seus retratos n'um curto espaço de tempo; porém elle proprio confessava que, no principio da sua carreira, quando pintava para adquirir reputação, corrigia e meditava muito as suas obras; e que só depois, quando começou a *trabalhar para a sua cosinha* é que se deu ao cuidado de retratar velozmente.

Van-dyck quando lhe encomendavam um retrato, marcava logo á pessoa que se queria retratar um dia para começar o trabalho, que não durava nunca mais de uma hora contada pelo relógio: terminada essa hora, levantava-se e fazia uma venia á pessoa que se estava retratando, dando-lhe a entender por este modo que por aquelle dia a sessão estava finalizada. Imediatamente depois um criado vinha lavar-lhe os pinceis, e apresentar-lhe novas tintas; e o *Pintore Cavalieresco*, que assim lhe chamavam em Roma pelo muito fausto e riqueza com que vivia, começava a trabalhar n'outro retrato.

Van-dyck, pelo conselho de seu mestre, foi estudar á Italia as obras dos pintores venezianos. Genova foi a primeira cidade em que elle pintou alguns retratos, e foi tal o espanto que elles causaram, que o nome do pintor se fez logo conhecido por toda a Italia.

Em Roma Van-dyck pintou o famoso retrato do Cardeal Bentivoglio, que mereceu as honras de ser collocado junto do bello quadro de Raphael «A Madona da Cadeira» e de alguns dos mais formosos retratos pintados por Rubens.

Este illustre pintor fez tambem muitos quadros de historia, e quadros biblicos.

A estampa que hoje damos é a copia de uma bella gravura, que representa um dos excellentes retratos feitos por Van-dyck: por ella poderão os nossos leitores fazer uma ligeira idéa do stylo do illustre artista.

CASAR OU METTER FREIRA

PROVERBIO EM UM ACTO.

(Continuado do n.º 27.)

O CONSELHEIRO.

Fallara no seu nome... mas agora...

O BARÃO.

(Com um suspiro) Vá mais este sacrificio! Prefiro D. Ignez a tudo! a tudo!

O CONSELHEIRO.

Pois não o quero perturbar nos seus devaneios... Adeus! Barão!

O BARÃO.

Adeus, conselheiro!

SCENA V.

O BARÃO só.

Visconde? Conde? Quem diria ao filho de meu pae que poderia aspirar a tanta grandeza? (Coçando na orelha) E D. Ignez?... Que... prefiro-a a tudo — a tudo! Não sei o que sinto por ella... Era capaz até de errar uma somma, de não protestar uma lettra, de não rebater um recibo... só para lhe agradar!

SCENA VI.

O BARÃO, D. IGNEZ.

D. IGNEZ.

Minha tia disse-me que V. Ex.^a estava só... quiz vir fazer-lhe companhia... O barão é tão boa pessoa!

O BARÃO.

Pois acha-me bom?... Cada um é como Deus o fez!

D. IGNEZ.

Podia tel-o feito... peor.

O BARÃO.

(Com sufficiencia) E' verdade! Não desagrado... tenho por mim boas opinões... e a de V. Ex.^a é-me sobre todas agradável!

D. IGNEZ.

A proposito, barão, dizem-me que agradeu a alguém... (com intenção) o que não admira! Declararam-me que ia casar... parece-me que foi minha tia... (á parte) Não entro mal no meu papel!

O BARÃO.

Casar? eu casar?... (com melancolia e ar significativo) lancei os olhos sobre uma donzella — linda, espirituosa, estimavel — uma verdadeira fada — um anjo!... Mas saberá ella entender-me?...

D. IGNEZ.

Quem sabe? O barão julga que o amor se ad-
vinha? *(à parte)* O que começa aos cincoenta au-
nos nunca!

O BARÃO.

Mas se eu nunca casei?

D. IGNEZ.

Apezar de começar tarde é uma cousa tão fa-
cil de aprender!

O BARÃO.

Se V. Ex.^a me ensinasse

D. IGNEZ.

Eu barão sou moça ainda para isso
mas poderei ser confidente!

O BARÃO.

Isso não! não! Poderia V. Ex.^a ouvir-me sem se
agastar? Se eu dissesse sou barão, tenho vinte
mil cruzados de renda

D. IGNEZ.

Respondera: nada entendo de finanças!

O BARÃO.

E se fallasse em bailes, em jantares esplendidos,
em trens magníficos, em joias soberbas, em vestidos
custosos

D. IGNEZ.

Ah! isso sôa melhor — muito melhor! Apre-
nde-se tão depressa a ser rica!

O BARÃO.

Nunca teve inclinação por ninguém, minha senhora?

D. IGNEZ.

Eu? Barão, ainda está muito moço para cou-
fessor

O BARÃO.

E V. Ex.^a? *(lançando-se-lhe aos pés)* Quererá ouvir
de confissão um homem que só teve esta occasião de
declarar que tudo, que tudo daria por V. Ex.^a

D. IGNEZ.

(Com fingida modestia) Se minha tia o ouvisse, ba-
rão! *(à parte)* Ora vá! não entra mal em fogo para
recruta!

O BARÃO.

E' que ha segredos que devoram, que matam, que
se não podem conter dentro do coração! *(à par-
te)* E' a prosa da ultima peça que ouvi! *(alto)* A mi-
nha sorte está nas suas mãos — decida! decida della!

SCENA VII.

A MARQUEZA *(que tem presencado parte desta scena
apparece de repente)* O BARÃO, D. IGNEZ.

A MARQUEZA.

Não lhe sabia da prenda — barão! Anda agora fa-
zendo declarações por casas particulares? e de
joelhos! O barão corre no progresso a panno sol-
to *(com irenia)* Se não ajoelha, era uma declara-

ção em regra — digna de um poeta romantico, ou de
um conde empenhado e perseguido de credores!

O BARÃO.

(Levantando-se) Minha senhora

D. IGNEZ.

(Sorrindo-se) Oh! minha tia, com que severidade
que está hoje! Não sabe o que fazia o barão? . . .
Pedia-me que intercedesse por elle porque, se-
gundo diz, morre d'amores por V. Ex.^a

O BARÃO.

(A' parte) Quanto sou feliz! Dissimula ás mil ma-
ravilhas!

A MARQUEZA.

Deveras? terei eu merecido as attentões de V. Ex.^a . . .
Julgava-me despedida do mundo, e começo agora a
estar em moda? Um barão namorado d'uma mar-
queza! Eu sempre disse que os titulos tinham
sympathia uns pelos outros! E a fallar a verda-
de, a marquiza pelo menos apprecia as qualidades do
barão!

D. IGNEZ.

Minha tia acredite que da parte do barão é uma
paixão ardente não parece paixão deste seculo
fallou-me de casamento de dote nem me lem-
bra já! Até me declarou a conta dos seus rendi-
mentos vinte mil cruzados, julgo eu, é uma quan-
tia capaz de fazer brilhar pelo menos mais tres ba-
rões

O BARÃO.

Eu vinha

A MARQUEZA.

Vinha

O BARÃO.

(Tomando um ar de etiqueta) Pedir a Sr.^a D. Iñez
em casamento a V. Ex.^a!

D. IGNEZ.

(Fingindo-se admirada) Pois as suas palavras eram
comigo? O barão deveras queria casar Pois
de confidente torna-me noiva? *(com fingida solemni-
dade)* Barão, requeiro o meu primeiro papel.

O BARÃO.

(A' parte) Estou perdido! Fiei-me nella de mais!
Não me ama!

A MARQUEZA.

(Fingindo-se agitada) Explique-se, barão, expli-
que-se! Aqui estamos ambos na sua presença Di-
ga qual de nós prefere?

O BARÃO.

Já o declarei a V. Ex.^a: a Sr.^a D. Iñez

D. IGNEZ.

Eu!

A MARQUEZA.

Minha sobrinha!

SCENA VIII.

O CONSELHEIRO *apparecendo.*

O CONSELHEIRO.

O barão está louco! queria não passar de barão!

O BARÃO.

Porque, senhor conselheiro?

O CONSELHEIRO.

Casando com a sobrinha....

O BARÃO.

(Repetindo) Casando com a sobrinha....

O CONSELHEIRO.

Fica viuva uma marquezeta.... E tenha como certo.... a viuvez d'um marquezado, impossibilita-o que um condado ou um viscondado saião do tinteiro. Axio-ma ministerial, que peço que medite — barão!

D. IGNEZ.

E tanto mais, que eu estimo o barão, mas não o amo.

O BARÃO.

E o que me disse ha pouco?

D. IGNEZ.

Respondia em nome de minha tia.... como confidente julgo não haver ultrapassado os deveres da minha procuração!

O BARÃO.

Na verdade, minha senhora!.... quem julgaria, quem imaginaria.... Sinto-me tão incommodado.... V.^a Ex.^{as} dão licença que me retire....

O CONSELHEIRO.

Ha-de-me antes dar duas palavras — barão.... Estas senhoras permittem....

A MARQUEZA, e D. IGNEZ — Pois não! *(retiram-se).*

SCENA IX.

O CONSELHEIRO, o BARÃO.

O CONSELHEIRO.

Como tive a honra de lhe dizer ha pouco, eu tenho a honra de ser um dos trezentos primos da marquezeta....

O BARÃO.

E' primo da casa! Nunca me dei mal com os parentes! Saber-me-ha fazer justiça!

O CONSELHEIRO.

O ministro sabia que V. Ex.^a era visita da marquezeta.... Os ministros em geral são indiscretos.... A estas horas sabe Lisboa inteira que o barão lhe fazia a corte.... nem o seu proprio correio o ignora....

O BARÃO.

Rebate falso! Que tem isso?

O CONSELHEIRO.

Tem muito! Eu como primo zelo a honra das pri-

mas.... Nem todos os primos fazem isso.... mas eu cá sou o modelo dos primos!

O BARÃO.

A quem o diz o conselheiro? — Eu sempre lhe fiz justiça.

O CONSELHEIRO.

Attentas as circumstancias.... vejo-me na rigorosa necessidade de lhe pedir uma satisfação.... O barão é fidalgo.... novo ou velho é sempre fidalgo.... eu tambem o sou!

O BARÃO.

O senhor.... eu.... nós todos somos fidalgos!

O CONSELHEIRO.

Entre fidalgos as cousas correm assim.... Que tal joga a espada?

O BARÃO.

(Com temor) E' traste de que nunca usei.... Um negociante!

O CONSELHEIRO.

Pois um fidalgo não joga a espada?!.... Mas sabe atirar á pistola?

O BARÃO.

(Do mesmo modo) Tambem não! Quando era pequeno.... atirava ás perdizes.... e nunca acertei n'uma só louvado Deus! e pescava á linha.... disso ainda me lembro!

O CONSELHEIRO.

Sinto muito, barão, a sua inexperiencia! Não podemos combater á pesca de linha.... sabe o ditado: « o peixe d'um lado... »

O BARÃO.

(Com precipitação) « E um tolo do outro! » E' velho, mais velho do que as *capitalisações*!

O CONSELHEIRO.

O que posso fazer é dar-lhe a escolha das armas.... Tenho a cargo a honra da familia.... Havemos combater!

O BARÃO.

(Fingindo-se animado) E se eu o matar?

O CONSELHEIRO.

O barão sabe a regra de diminuir....

O BARÃO.

Sei só.... sei melhor sommar!

O CONSELHEIRO.

Repare bem! Trezentos menos um fazem duzentos e noventa e nove.... São duzentos e noventa e nove primos que restam para vingar a honra da familia!....

O BARÃO.

(Assombrado) Pois quer combater comigo!.... Um homem que já entra nos cincoenta....

O CONSELHEIRO.

E que gosta dos dezaseis annos! Meu amigo, quem tem coração para amar deve usar do mesmo para combater: é lei inflexivel: vem no *D. Quixote*, e no *Carlos Magno*!

O BARÃO.

Mas em que o offendi eu, conselheiro?

O CONSELHEIRO.

A mim não, mas á familia! Somos solidarios — nós cá os primos!

O BARÃO.

Mas em que offendi eu, repito, a familia de V. Ex.^a?

O CONSELHEIRO.

O barão, um homem tão atilado, desconhecer esta situação? Dizerem por ahí que o barão casa com a marquezia.... e no fim ficar a marquezia viuva.... e o barão solteiro como d'antes!.... E' cousa de fazer estremecer no tumulto os primos, em sexto, ou setimo gráu!

O BARÃO.

Mas se eu nunca me bati....

O CONSELHEIRO.

(Com negligencia) Comece e verá que lhe ha-de tomar gosto!

O BARÃO.

Isso agora é de mais!.... Tomar gosto a destruir um similhante!

O CONSELHEIRO.

(Com ironia) Tambem é devoto, barão?.... Pois quem destroe pela usura, porque, aqui entre nós, o barão passa por usurario, não é muito que destrua com a espada?.... Rebater a fome a trinta por cento, pouco menos é do que rebater a vida com uma cutilada!

O BARÃO.

Mas eu não me bato.... Darei homem por mim....

O CONSELHEIRO.

Nada! nem os seus trinta mil cruzados mudam a face da questão! Eu sou o offendido, o barão é o offensor! E' unicamente o seu sangue — o mais puro — o mais vermelho, que póde lavar a minha injuria!

O BARÃO.

Sangue! só isso me arripia as carnes! fazer correr sangue!.... Lá diz o mandamento: «Não matarás!»

O CONSELHEIRO.

E mais adiante ou mais atraz, não me lembro bem, ha outro que tambem diz: «Não desejareis a mulher do teu proximo!»

Lopes de Mendonça.

(Continua.)

INDUSTRIA E SCIENCIAS.

O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

(Continuado do n.º 27.)

691.º Um dos agricultores praticos mais entendidos do nosso paiz, o Sr. *Le-Cocq*, desejando remediar o

grande inconveniente da perda do tempo que apresentam os arados de aiveca movel na mudança da mesma aiveca, ou mesmo os de relha dobrada na mudança dos animaes de tiro no fim de cada sulco; assim como a imperfeição do trabalho do arado de *Dombaste* na lavoura das encostas de grande inclinação, introduziu na sua *granja exemplar do Prado*, sita nos suburbios de *Castello de Vide*, o arado cujo desenho apresentamos, e que é um feliz aperfeiçoamento do famoso arado ou *charrua dobrada de Vaucourt*.



Nós vimos funcionar o arado do Sr. *Le Cocq* naquele bello estabelecimento onde tem sido habilmente introduzidos os melhores processos e praticas agricolas; e folgamos de confessar que o seu trabalho é expedito e perfeito (1).

692.º As vantagens deste arado, muito apropriado para a lavoura nas encostas, são não só a promptidão com que se faz girar o temão sobre o *perne*, que existe na parte superior do corpo do arado, bastando para isso mudar a sega, e obrigar os animaes de tiro a descrever um semicirculo; mas ainda a facilidade com que se faz cambar o instrumento, já para um, já para outro lado a fim de fazer operar uma ou outra das relhas com as suas correspondentes aivecas. Eis aqui a explicação do desenho acima estampado — (a) é a rabiza, (b) é o temão com registro, (c) é o *perne* sobre que gira o temão, (d) um *rollete* sobre que camba o instrumento para fazer operar a relha (e) ou (é), (f) uma alça de ferro que une o temão ao corpo do arado, (g) a sega applicada já por um lado, já por outro do temão, segundo opera a relha (e) ou (é), e servindo juntamente a embaraçar o giro do temão sobre o *perne* (c), (h) um parafuso de pressão para fixar a sega.

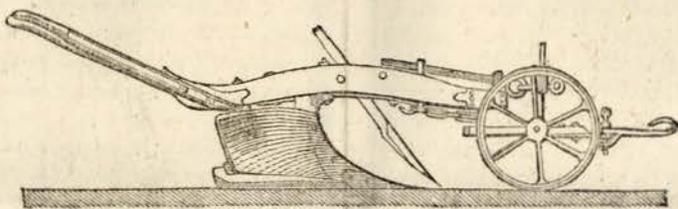
693.º O arado aperfeiçoado de *Dombaste* póde vêr-se na estampa que apresentamos adiante destinada a fazer conhecer a *charrua composta ou de jogo dianteiro* deste celebre agronomo; e na verdade se abstrairmos deste jogo teremos o arado aperfeiçoado de *Dombaste* cujo desenho por este motivo deixamos de apresentar aqui. Este arado differe principalmente do primitivo anteriormente descripto, 1.º em não ter o temão recto mas ligeiramente curvo, a fim de apresentar ás raizes e terrões, que se vão successivamente accumulando entre a sega e o *ferro do arado* um espaço mais amplo, o qué obsta a que o instrumento se *engasque*, como dizem os agricultores, com tanta facilidade; 2.º em

(1) Os nossos agricultores encontrarão em Lisboa na fabrica muito acreditada do Sr. *Bachelay* na rua da *Boa Vista*, não só este arado mas tambem o de *Dombaste* aperfeiçoado, assim como charruas, trilhos e outros instrumentos agricolas de grande solidez e perfeição.

apresentar a relha um pouco modificada principalmente pelo que respeita ao modo de adaptar e fixar ao dente a sua extremidade anterior, a qual se pôde facilmente substituir, quando se acha usada e gasta. Estas modificações que parecem á primeira vista de pouca entidade tem todavia uma grande importancia pratica e trouxeram evidentes aperfeiçoamentos a este instrumento, tornando muito geral a sua adopção principalmente em França e na Alemanha.

Charrua.

694.º A *charrua composta* depois dos aperfeiçoamentos ultimamente introduzidos na construcção dos arados não differe destas maquinas, que são tambem conhecidas pelo nome de *charruas simples*, senão na circumstancia de ser munida de rodas ou de um *jogo dianteiro*; e ainda esta differença não é absoluta, visto que existem hoje alguns arados que são precedidos de uma e mesmo de duas rodas, como acontece ao *arado escocez* e ao de *M. Chatelain* entre outros.



697.º Não é possível descrever n'um livro tão elementar como este as diversas especies de charruas que tem sido ultimamente inventadas e introduzidas nos paizes mais adiantados na arte da cultura — e então apenas indicaremos aqui os nomes dos que tem obtido maior reputação e celebridade; e são as charruas *Guillaume*, *Pluchet*, de *Brie*, *Grangé*, e *Trochu*: merecendo as duas ultimas uma decidida preferencia sobre as tres primeiras.

698.º As principaes vantagens que a charrua composta tem sobre o arado ou charrua simples consistem 1.ª em abrir os sulcos mais eguaes e direitos, evitando as undulações e torcicollos do arado; 2.ª em ser mais facilmente conduzida e manejada, não carecendo de braço tão destro e amestrado por não bambolear para os lados e ser menos fatigante; 3.ª em se lhe poder applicar uma maior força de tracção, o que se torna necessario ou summamente proveitoso em alguns casos.

699.º Nos arroteamentos das terras bravas e geralmente no fabrico dos terrenos maninhos e incultos pôde e deve preferir-se ao proprio arado de *Roville* apesar de toda a excellencia deste rico instrumento. A charrua de *Mr. Trochu* é a que mais se tem distinguido e recommendado no amanho destes terrenos pela sua grande força de resistencia devida á

695.º A Charrua de que nós apresentamos um modelo, é a *charrua americana ou de Dombasle*, que não é mais do que o arado deste agronomo a que se addiciona o *jogo dianteiro* chamado de *Roville*.

696.º Para se fazer por tanto uma idéa deste charrua já não é necessario senão fazer conhecer esta *rodado* ou *jogo dianteiro*. Compõe-se elle de duas *rodas* unidas por um *eixo* na parte media do qual assenta uma *lança* terminada anteriormente por um *gancho de ferro* a que se jungem os animaes que puxam a charrua, e posteriormente por uma *cadêa* que vai prender-se a um *outro gancho* que existe pela parte de baixo do temão. Do lado superior e medio da lança nasce um *cavallete* a que se vem prender o temão por intermedio de uma peça de ferro, que o fixa n'uma maior ou menor altura, segundo se pertende que a relha penetre mais ou menos profundamente no terreno. Examinando com alguma attenção a estampa adjunta facilmente se comprehenderá a singella descripção que acabamos de fazer.

solidéz da sua construcção, e principalmente á triplíce sega que precede a sua relha.

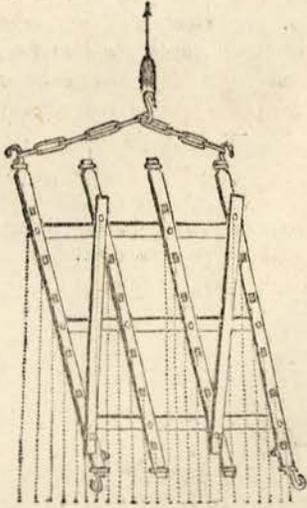
Grade.

700.º A *grade* é um instrumento tão antigo como util na cultura das terras. Os seus usos são muito variados e proveitosos. Consistem em esterrear e esmiucar o terreno — em aplanar as suas desigualdades — arrancar e destruir as más hervas — e cobrir a semente.

701.º A grade tem em muitos casos a figura triangular, e é formada por tres grossas travessas solidamente unidas pelas suas extremidades. Estas travessas recebem inferiormente um certo numero de dentes, umas vezes de pau e outras de ferro, segundo os fins a que é destinado o instrumento. Para gradar os terrenos arenosos e soltos basta a grade ligeira de dentes de pau, mas para os argilosos e tenazes é necessaria outra mais pezada de dentes de ferro.

702.º Para que a acção da grade seja eficaz é mister que ella tenha um certo pezo, e que os dentes sejam dispostos de modo que rasguem equidistantemente a superficie do terreno que se pertende gradar. Para que esta operação seja proveitosa é necessario que o terreno não esteja muito humido, a fim de se deixar facilmente esmiucar.

703.º As grades quadrangulares de Mr. de *Valcourt* são as mais geralmente usadas por executarem um trabalho mais perfeito. Para operarem satisfatoriamente é necessario que o *pau de bolea* que vem enganchar na cadêa não se enganche na sua parte media, mas proximamente no seu terço lateral e correspondente ao angulo obtuso, que a mesma cadêa faz com a travessa longitudinal da grade, como se vê na figura que apresentamos.



704.º Como os dentes de ferro desta grade são um pouco inclinados para diante à similitude das segas das charruas é claro que esta disposição deve entre outras vantagens apresentar a de se poder gradar mais ou menos profundamente, segundo o instrumento for tirado por uma ou por outra das suas extremidades. Quando os dentes romperem o solo debaixo de um angulo agudo hão-de sarjal-o mais energicamente, e hão-de levar diante de si a relva, os caules e as raizes das plantas herbaceas contidas no terreno; e quando pelo contrario o romperem debaixo de um angulo obtuso hão-de sarjal-o menos profundamente e não levarão consigo aquelles despojos da vegetação. Ora é facil de perceber que estas duas operações podem convir em casos diversos, e que é por essa razão que a cadêa da grade não está fixa a nenhum dos seus lados para se poder mudar segundo mais convier.

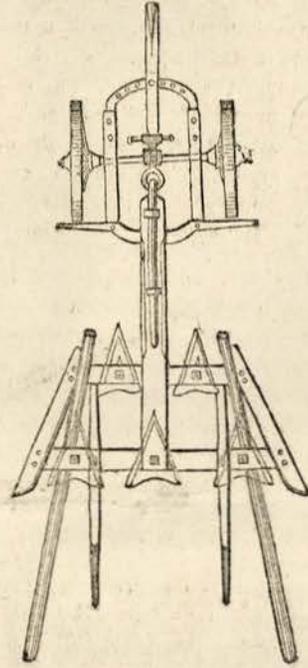
Extirpador.

705.º O extirpador é um instrumento composto de muitas relhas pequenas, cortantes, ordinariamente triangulares e ligeiramente convexas, que rompem e dividem a terra, que a misturam sem a revirar, e que cortam as plantas adventicias que nella vegetam espontaneamente.

706.º As principaes vantagens deste instrumento são pulverisar o solo e mistural-o completamente até á profundidade de tres ou quatro pollegadas — fazer pe-

recer as plantas annuaes e vivazes, arrancando e mutilando frequentemente as suas raizes — substituir o arado e a charrua nas lavouras de divisão com grande vantagem e economia — abrir regos e cobrir as sementes com uniformidade e promptidão; por isso que tendo este instrumento a largura de 3 a 4 pés, é muito mais expedito e muito menos custoso no seu trabalho do que o arado ou a charrua.

707.º O extirpador de que apresentamos aqui o desenho é aquelle de que se faz uso em *Roville*, e que merece ser geralmente preferido.



708.º Este instrumento compõe-se de cinco pequenas relhas de aço dispostas e fixadas sobre duas fortes travessas ligadas por duas pequenas vigas longitudinaes: na parte media das travessas adopta-se um temão longo, a cuja extremidade vem prender-se um jogo dianteiro de charrua, ao qual se jungem dois ou quatro cavallos que o puxam e fazem funcionar.

709.º Esta maquina aratoria tem sido muito modificada tanto nas suas dimensões como no numero e na fórma das relhas. Estas modificações tem sido reclamadas pela diversidade da natureza e das circumstancias do solo. Nos terrenos soltos e planos, a fim de obter um mais prompto trabalho, pôde usar-se dos extirpadores de maiores dimensões e de relhas mais numerosas, como são os de *Wilkie* e *Hayward*; mas nos terrenos compactos e desiguaes só devem adoptar-se os que apresentam condições contrarias para não serem consideravelmente prejudicadas e difficultadas as lavouras.

Escarificador.

710.º Os *escarificadores* são uma especie de extirpadores que estabelecem a passagem destes instrumentos para as grades. Um *escarificador* é um extirpador, que em vez de relhas é munido de segas semelhantes ás de algumas grades com as quaes se confunde muitas vezes.

711.º As segas deste instrumento não obrão revolvendo a terra, mas sim cortando-a no sentido vertical, á maneira das segas dos arados, ou dos dentes cortantes da grade.

712.º A acção do *escarificador* é mais energica do que a do extirpador; porque sarja e recorta o terreno mais profundamente; e por meio de lavras atravessadas mutila e destroe com mais efficacia o escalracho, e outras plantas adventicias, que infestão e esgotão o solo.

713.º Este instrumento pôde empregar-se com muita utilidade antes da applicação da charrua nos terrenos que se desejão arrotar. Na primavera emprega-se nos alqueives e nos pozios com o objecto de destruir as hervas ruins. Nos terrenos bem fabricados por lavouras e amanhos antigos, e submettidos á rotação das culturas, pôde substituir com bastante economia o trabalho do arado. *Dombasle* assevera que em *Roville* se faz um extenso uso deste instrumento por se haver reconhecido que o seu trabalho é excellente e muito economico.

Rolo.

714.º O *rolo* é empregado na cultura para destruir os terrões, aplanar as leivas dos solos argilosos, e para egualar e comprimir a terra sobre as sementes finas, a fim de facilitar a sua germinação preservando-as do contacto immediato da luz, e entreteñdo-lhes a humidade pela diminuição da evaporação.

715.º Os rolos podem construir-se de madeira, de pedra, ou de ferro fundido: a energia da sua acção está na razão inversa do seu comprimento e na directa do seu diametro transversal.

716.º Um rolo de pedra de tres pés e meio de comprimento sobre 10 pollegadas do diametro produz uma acção bastantemente energica na generalidade dos casos, mas é fatigante para as forças d'um cavallo por causa da pequenez do seu diametro. Um rolo de madeira do mesmo comprimento sobre 15 pollegadas de diametro funciona muito melhor.

717.º Fabricão-se ha alguns annos no estabelecimento de *Roville* rolos de ferro fundido occos, formados por discos, que apresentam na sua circumferencia angulos cortantes, que dividem e esterroão completamente os mais duros terrenos. Este rolo denominado *rolo-esqueleto* peza 500 libras pouco mais ou menos, e todavia é tirado sem grande exorço por um unico cavallo.

718.º Uma das condições reclamadas no uso do rolo, é a de um solo bem enchuto e secco; sem isso os terrões empastão-se sem se esterroarem; e adherem á superficie do instrumento impedindo ou destruindo a sua acção. Se o terreno não está em estado de receber a acção do rolo, é melhor não empregar-o, porque então o seu effeito é mais prejudicial do que proveitoso. Para esbroar os terrenos argilosos, e para os bem preparar a receber a semente, nada é tão util como a applicação reiterada e successiva do rolo e da grade.

José Maria Grande.

(*Continua.*)

ALGUMAS OBSERVAÇÕES Á CERCA DO PARECER LIDO Á JUNTA GERAL DO DISTRICTO DE LISBOA PELO RELATOR DA COMMISSÃO NOMEADA PARA EXAMINAR O RELATORIO DO GOVERNADOR CIVIL.

Das observações e calculos estatísticos, de que temos dado uma noticia succinta neste artigo, pôde immediatamente concluir-se que a suppressão das rodas, quando feita com moderação e vagar, é uma medida de grande utilidade; porque com ella se poupa um numero consideravel de vidas.

Não levamos porém a mal á commissão, que se não pronunciasse em favor da suppressão das rodas no seu importante relatorio; a commissão quiz provavelmente haver-se neste caso com aquella nimia cautela que, segundo a opinião geral, devem ter sempre e em tudo os homens revestidos de um character official, cautella excessiva e a maior parte das vezes perigosa a que o vulgo chama *prudencia*: o que porém é a nosso vêr indisculpavel é que, tendo, como necessariamente havia de ter conhecimento dos trabalhos de Mrs. Remacle e Rapet, a commissão não fizesse sentir á Junta Geral a necessidade de remediar os inconvenientes, que resultam da má distribuição e administração actual dos estabelecimentos de expostos, de modo que se não abrisse de novo no districto mais roda alguma. Pelo contrario, de uma frase do seu relatorio pôde talvez deprehender-se que a commissão é de parecer que, entre nós, o melhor methodo de receber os engeitados é o de que até hoje se tem usado, o das rodas de exposição.

E' na verdade singular que a commissão, depois de ter feito notar a excessiva mortalidade a que no districto de Lisboa estão expostos os engeitados, se não lembrasse de propôr algum dos meios que a experiencia tem provado que contribuem para fazer diminuir o numero das exposições. Ha sobre tudo um facto, facto unico e atroz, que devia dicidir a commissão a propôr fosse o que fosse, para alcançar este fim. Este facto é, segundo as proprias palavras do relatorio, o seguinte:

«O que se vê, por exemplo, no mappa n.º 8 da familia existente no Hospital dos Expostos de Lisboa no

dia 3 de Junho de 1848, é que a 172 expostos de leite cabiam 49 amas. — Mais claro: cada ama tinha obrigação de amamentar tres creanças; ficando ainda a nutrição das 25 restantes a cargo das mesmas 49 amas. Este facto deve excitar mui seria consideração. Alguns regulamentos estrangeiros, dados a estabelecimentos semelhantes á Misericordia de Lisboa, mandam que cada ama offereça o peito á creança, que lhe é confiada, sete vezes ao dia. E acrescenta-se que não é possível exigir mais d'uma mulher sadia, robusta e bem alimentada. Como querem pois que uma ama dê nutrição sufficiente a tres creanças de peito?»

Depois de ter conhecimento desta circumstancia, parece-nos claro que a commissão não devia ter escrupulo de propôr qualquer medida, por perigosa que ella fosse, tendente a diminuir o numero das victimas deste horrivel martyrio.

E' de justiça porém declarar aqui, que nos consta achar-se já este mal remediado em parte, e existirem hoje na Misericordia amas sufficientes para que, a cada uma cumpra só a obrigação de amamentar duas creanças. Se as nossas informações são exactas, esta medida foi tomada pela influencia de Sua Magestade, que se dignou visitar este estabelecimento posteriormente á epoca em que a commissão fez os seus exames e observações.

Todas as medidas que difficultam, entre certos limites, a admissão das creanças nos hospícios são de verdadeira utilidade, sempre que forem acompanhadas de outras que tendam a auxiliar as mães pobres, e a facilitar-lhes o cumprimento das obrigações que a natureza lhes impõe. E' indispensavel que se não esqueça nunca, que se considere como o principio fundamental em que se deve basear a caridade, que as relações da familia se devem estreitar o mais possível; que não convem, senão em casos excepcionaes, para utilidade das proprias creanças ou por considerações de moralidade, separar as mães de seus filhos. Não ha duvida que a sociedade tira vantagens maiores em prestar auxilio ás mães pobres, que desejem crear seus filhos, do que em lhes abrir um hospício onde ellas possam livremente engeitar essas innocentes victimas.

Como porém, — no caso de se dár á caridade uma organização tendente ao fim justo de que acabamos de fallar, — seria incontestavelmente difficil á administração distinguir as mães verdadeiramente necessitadas, daquellas que o não fossem, conviria por esta razão associar a caridade particular á caridade publica, ou mesmo encaminhar unicamente a caridade particular neste sentido; pelas razões que mais de uma vez temos exposto.

A commissão no fim das suas considerações sobre expostos conclue:

« 1.º Que o decreto de 19 de Setembro de 1836 é apenas parte d'uma legislação absolutamente indispensavel, que defina e regule as obrigações do estado, em quanto á *beneficencia legal*;

2.º Que os documentos tirados da experiencia, e o fructo de um aturado estudo sobre esta materia, aconselham a que o regimen das casas de caridade de Lisboa seja concentrado n'um só conselho, composto, pelo menos, de 13 membros, que deverão ser divididos do modo seguinte: 3 para a superintendencia da Santa Casa da Misericordia: 3 para a do Hospital de S. José: 3 para a da Casa Pia: 3 para a do Asylo da Mendicidade: 1 para inspecionar os collegios da rua da Roza, Calvario e Mouraria. Esta cencentração dará unidade e systema aos methodos diversos, incoherentes, e anachronicos porque actualmente se dirigem aquelles estabelecimentos, e trará consigo uma economia consideravel.»

Estas conclusões são exactas, a nosso vêr, e nós concordamos neste ponto inteiramente com a commissão; porém o que é tambem verdade é que só isto que se pede no relatorio não basta para melhorar o estado da *Beneficencia publica*. A commissão devia entrar em maiores detalhes, e fazer sentir á Junta quaes são as bases em que deve assentar essa nova lei de Beneficencia, quaes são os principios que a sciencia diz que devem regular a caridade, para que ella produza todos os seus fructos.

Depois de se occupar dos expostos, a commissão passa a occupar-se do flagello da mendicidade, que vae cada dia crescendo em Lisboa, n'uma progressão assustadora.

Antes de fazermos algumas observações sobre este objecto, permita-nos a commissão que, em nome da sciencia, nós estranhemos o epitheto de *barbara* que ella deu á theoria de *Malthus*. Esta theoria, se é licito chamar-lhe uma theoria, não é mais do que a expressão de um facto. Não ha duvida que o crescimento dos meios de subsistencia é limitado pela quantidade do trabalho, e pela massa dos capitales. Não ha duvida que o augmento da população é para assim dizer illimitado, como é illimitada a propagação da maior parte das especies animaes. Assim vê-se que as duas progressões são por extremo desiguales, e que se a providencia humana as não equilibrar, desta desigualdade naseerá a miseria. Esta lei é verdadeira, logo é verdadeira a theoria de *Malthus*; e se a theoria é verdadeira, uão se lhe póde chamar com justiça *barbara*.

E' de certo mais *barbara* a maneira porque a commissão trata a questão da mendicidade. Antes de considerar este objecto pelo seu lado mais mesquinho, antes de se mostrar, para assim dizer, offendida na sua vaidade nacional escrevendo esta frase pouco philosophica « a mendicidade que hoje vaguêa na capital dá motivo a que os estrangeiros façam da nossa illustração um conceito altamente desfavoravel » seria melhor que a commissão se occupasse em estudar profundamente as causas da miseria, e os meios de a remediar.

Não basta para curar este mal terrivel dizer, como

a commissão « esta lepra da sociedade deve desaparecer por uma vez » os pobres que padecem, que se arrastam nas ruas, não são uma lama immunda que se várra e se deite ao Tejo; são homens, e como homens teem direito, não de viverem na indolencia á custa do trabalho dos outros homens, mas de serem considerados por elles como irmãos, de receberem o auxilio de que precisam para sustentar a existencia a troco do seu trabalho.

A biblia tambem diz *Et omnino indigens, et mendicus non erit inter vos*; mas o livro sagrado propõe como remedio para o mal a caridade e não a força, o amor e não a violencia.

E' necessario não confundir os pobres com os vadios, não applicar a todos igualmente a dura medida que a commisso propõe. « E' todavia certo, diz o relatorio, que neste assumpto algumas providencias se podem deste já adoptar. A que lembra primeiro é a de obrigar os vadios de fóra de Lisboa a que voltem ás suas terras. E' ahi que se póde conhecer se elles recorrem, com razão ou sem ella, á caridade publica. Esta medida vemol-a recommendada pelos fundadores da chamada *escola christã*. E' opinião delles que, fazendo-se sentir a uma povoação o peso dos seus pobres, importa o mesmo que interessal-a em diminuil-os ».

Esta medida é justissima applicada a alguns, mas é cruel applicada a todos. Depois das desgraçadas luctas de que o nosso paiz tem sido victima, a miseria não podia deixar de crescer, e crescer muito: vaguêa em Lisboa um grande numero de individuos, cahidos em miseria por circumstancias desastrosas, que se acolheram a esta cidade por ser a mais populosa do reino, e por isso se lhe tornar aqui mais facil o obter o pão pela esmola, o occultar a vergonha da sua posição, — porque a miseria é desgraçadamente considerada como uma vergonha. — seria cruel obrigar estes individuos a voltarem para as suas terras, seria condemnal-os ao martyrio, condemnal-os talvez á morte.

O unico meio, a nosso vêr, de socorrer convenientemente os individuos que se acham na miseria, e de obrigar ao trabalho os que abusam das apparencias *traficando com as suas chapas*, é, — adoptando o alvitre do Sr. governador civil, quer dizer, reunindo um capital formado pelo « producto realisavel das dividas activas das irmandades e confrarias do districto, dividas que ainda hoje montam a 533:532\$081 réis » — crear, não uma casa de correcção e trabalho em Lisboa, mas uma colonia agricola dentro dos limites do concelho, n'algum lugar que pareça adequado para uma instituição desta natureza.

E' pela agricultura que o nosso paiz se póde salvar, é na agricultura que convem procurar o remedio para os males que nos consumem. Creai o maior numero de institutos agricolas que fór possível, empregai na cultura de terra todos os braços que hoje estão inactivos, voltai para este ramo de industria os capitães

que se arriscam em especulações improductivas, e vereis esta nossa terra reverdecer e prosperar.

As colonias agricolas são um meio seguro de minorar os padecimentos deste paiz; por ellas póde propagar-se entre os agricultores praticos a instrucção de que elles carecem, e que lhes deve antes fallar aos olhos do que á intelligencia; por ellas póde ser arroteada uma parte desse solo que hoje se acha inculto e cuberto de mato; por ellas se podem estabelecer as caudellarias de que precisamos, e aperfeçoar as raças do nosso gado do mesmo modo que os estrangeiros teem aperfeçoado as raças do seu. Conviria porém talvez, para que estes estabelecimentos tivessem uma boa administração, que elles fossem instituidos por uma empresa particular, debaixo da inspecção immediata do governo e com o seu auxilio e cooperação.

Em muitos pontos da Europa se tem formado colonias no genero daquellas, que nós desejamos vêr estabelecidas em Portugal.

Carlos III d'Hispanha, concebeu em 1768 o projecto de fazer cultivar a vasta extensão de terreno, até então arido ou pantanoso, que se estende entré a Estremadura e a Mancha e que se chama a Sierra Morena. Para este fim encarregou D. Pedro Olavide de estabelecer alli uma colonia de agricultores tirados de França e d'Alemanha; e o projecto, levado immediatamente á execução, deu em resultado a construcção de uma nova villa denominada a *Carolina*, cercada de extensos campos habilmente cultivados, e cortados de estradas excellentes, e de seguro transitio. Mais tarde novas colonias da mesma natureza foram estabelecidas entre Cordova e Sevilha, onde nasceram tambem como por encanto duas lindas villas, a Carlota e Fuente-Palmera: estas colonias ainda hoje aformoseam e enriquecem a estrada que vae de Sevilha a Madrid.

A Inglaterra tambem fez algumas experiencias deste genero. E' notavel, pela analogia que tem com o objecto de que nos occupamos agora, a colonia estabelecida em 1830 no condado de Bedford pelo duque deste nome. Esta colonia foi creada em favor dos pobres da parochia de Maulden: todo o pobre da parochia recebeu, por uma renda em extremo modica, uma porção de terreno, com o direito de ficar de posse da pequena propriedade, em quanto tivesse uma conducta regular. Os pobres da freguezia de Maulden estavam em tal penuria que foi mister, para elles poderem aceitar o beneficio que o duque lhes fazia, que o paroco Mr. Ward, lhes distribuisse uma enchada a cada um.

Na Alemanha encontram-se tambem muitos exemplos importantes das colonias formadas em beneficio dos individuos cahidos em miseria; sempre com grande vantagem delles e do paiz. No ducado d'Oldenbourg foram estabelecidas vastas colonias em favor dos pobres; no reino d'Hanover tambem se formaram outras com o mesmo fim. A Italia possui uma colonia estabelecida no reinado de Pio VI, proximo de Corneto,

n'um terreno inculto e doentio: esta colonia era formada só de engeitados, e prosperou rapidamente.

Sem nos occuparmos agora das colonias militares da Russia, nem de outras do mesmo genero, mas muito mais dignas de ser imitadas, que se encontram na Suecia; passaremos a dizer alguma cousa acerca das magnificas colonias agricolas dos Paizes-Baixos.

Depois de uma prosperidade e riqueza extraordinarias, a Hollanda cahiu rapidamente n'um estado de prostração, que em parte se póde comparar ao nosso. A sua navegação, o seu commercio, a sua industria perderam toda a actividade; e a miseria desenvolveu-se com uma rapidez assustadora: o immenso numero de instituições de beneficencia que este paiz possuia tornou-se em breve insufficiente para socorrer milhares de desgraçados que a falta de trabalho tinha collocado na dura necessidade de viverem á custa da caridade publica. O governo, e os homens philantropos buscavam em vão algum meio effizaz de remediar o mal, que ameaçava consumir o paiz, quando o general Wanden Bosch apresentou n'uma assembléa publica, que teve logar em 1817, o seu projecto de colonias agricolas, que mereceu o asentimento de todos, e foi protegido pelo principe Frederico, filho do rei.

Um vasto terreno inculto, situado nos confins das provincias de Drenthe, d'Over-Yssel e de Guelde, foi o escolhido pela sociedade de beneficencia, para nelle se estabelecer a nova colonia. A sociedade começou por uma pequena experiencia; mandando apenas construir as casas necessarias, e reunindo os recursos indispensaveis para assegurar a subsistencia a cincoenta familias pobres. As disposições mais importantes do regulamento adoptado pela associação foram as seguintes:

« Todo o habitante dos Paizes-Baixos, gozando dos seus direitos e da sua honra, póde ser recebido na sociedade, logo que seja apresentado por algum dos seus membros.

« Todo o membro da sociedade paga annualmente a modica prestação de 52 soldos de Hollanda, podendo além disso fazer outros donativos á sociedade.

« Toda a pessoa, quer faça ou não parte da sociedade póde subscrever para uma quantidade qualquer de panno que a sociedade se obriga a fornecer-lhe do producto da industria que exercem os indigentes de baixo da sua direcção e inspecção.

« E' facultativo a todo o membro da sociedade deixal-a e desencarregar-se das obrigações que contrahiu para com ella.

« O emprego dos seccorros que a sociedade obtem por meio das contribuições dos donativos ou por qualquer outro modo, tem por fim unico fundar colonias agricolas onde a indigencia possa achar um abrigo contra a miseria por meio do trabalho.

« Cada concelho que confia fundos á sociedade conserva sobre elles direitos seguros. Estes fundos devem ser exclusivamente empregados em favor dos indigentes desse concelho, e as construcções feitas com o pro-

ducto da sua liberalidade tornam-se propriedade dos seus estabelecimentos de beneficencia.

« A instrucção primaria é o exercicio dos diferentes cultos religiosos, que importa assegurar aos colonos, ficam a cargo da sociedade. As despezas relativas a este objecto devem ser pagas por ella dos fundos de que dispõe.»

Alguns mezes depois da publicação do seu regulamento a sociedade contava mais de vinte mil subscriptores.

A primeira colonia que se estabeleceu tomou o nome de *Frederick's-Oord* (Campos de Frederico) e nella foram admittidas familias indigentes, depois de terem feito uma promessa solemne de se sujeitarem aos regulamentos estabelecidos. No fim do primeiro anno, as contas da administração provaram que o trabalho de cada familia tinha sido bastante productivo, para animar a sociedade a progredir na sua empreza.

Como porem a sociedade não possuia fundos sufficientes para desenvolver n'uma grande escala o seu plano, recorreu a um meio que foi simultaneamente proveitoso para a colonia, e para o paiz.

A sociedade offereceu aos diferentes hospicios de caridade, o encarregar-se dos seus pobres, dos orfãos, e dos engeitados, recebendo em paga uma diminuta retribuição. Desta medida, acompanhada de outras que asseguravam vantagens importantes ás pessoas caridosas que quizessem entregar á associação crianças pobres para esta as educar convenientemente, póde a sociedade colonisadora colher fundos sufficientes para contrahir com segurança um emprestimo, que lhe permittiu levar a um grande estado de prosperidade os seus estabelecimentos.

Ao lado das primeiras colonias destinadas para o trabalho livre, estabeleceu-se uma outra para os mendigos desmoralizados; e onde o trabalho era obrigativo, e imposto como correcção.

As vantagens destes estabelecimentos teem sido immensas. A mendicidade tem diminuido, a educação tem-se propagado pelas classes infimas, e os rapazes confiados á sociedade teem recebido uma solida instrucção de agricultura pratica.

Vê-se pois dos exemplos citados acima que, a idéa de empregar na formação de colonias agricolas uma parte dos fundos de que os concelhos podem dispór para a beneficencia publica, é uma idéa digna de ser meditada, e de ser levada á pratica com as modificações que a observação e a experiencia provarem que são indispensaveis. Seria com tudo ainda mais proveitoso o promover a formação de uma sociedade, á imitação da sociedade hollandeza, com o fim de criar uma colonia de indigentes, como a de *Frederich's-Oord*.

Temo-nos occupado neste artigo dos objectos de *beneficencia publica*, acerca dos quaes a commissão falla particularmente no seu relatorio; é unicamente sobre elles que julgámos conveniente fazer por agora

algumas observações. Muito se poderia ainda dizer acerca dos outros assumptos de que trata o relatório apresentado á junta geral; porem o objecto de que nos temos occupado é de si tão distincto, e ao mesmo tempo tão importante e difficil, que nos não pareceu conveniente mistural-o ou confundil-o aqui com qualquer outro.

João de Andrade Corvo.

CHRONICA.

A chronica da *Epoca* sahio das « provas publicas » como sahem todas as comedias deste genero — levou palmas, pateadas, bravos, seu assobio á mistura (dos do officio, já se sabe) e tambem alguns beliscões bem dados — não é por estarmos presente, é porque, na verdade, foram bem dados!

Distinguiu-se entre todos, a penna a que temos mais affeição, e ainda uma pontinha de respeito (seja dito sem menospreço alheio). Fallamos da dos escriptores ou escriptor da *Revista* (com sua licença) *chronica* do *Pharol*, e alludimos ao seu num. 40.

Realmente, vinha tão ufana e arrojadica (relevar-se nos o *fossil* do termo, porque fica mesmo ao pintar) como nunca a lemos. Dizem-nos que levou a discutir, toda ella, até ao *locus sigilli*, umas tres sessões do *cavaco*. Todos nos *abordavam* (esta palavrinha agora não é *fossil* é *vivaz*... temol-as boas), todos pois nos *abordavam*, para nos ler, no rosto, como tinhamos tomado o caso — e muitos nos diziam, que era preciso castigar a chibança com que se nos galrava.

Qual carapuça, lhes replicavamos nós, aquillo está famoso, não tenho de que me offender, por quanto

« *Dés que l'impression fait éclore un poète
Il est esclave né de quiconque l'achète.* »

como disse Boileau que sabia mais desta pilotagem que nós todos juntos. Eu cá sou assim... todos os bardes são assim.

E então nós que estavamos de tão bom humor (como hoje se diz) quando nos chegou o *Pharol*, que nos deitámos logo a ler o bello artigo sobre a urgencia dos *livros elementares*, o da *Liga &c.*, e assim que topámos com a *Revista* (com o devido respeito) *chronica*, esperando achar *Revista de Lisboa*, começámos a sorrir de vêr que já está *fossil* aquelle nosso excellente rifão — que diz: *De pequenino é que se torce o pepino*. Fomos lendo, lendo, e até soletrámos, com inefavel alacridade, quanto a nosso e, ainda mais, a *seu respeito* dizia o collega, a ponto de exciarmos, como Bocage diz:

Não! ninguém em ser cortex
Venceu Antonio até qui...
Quando se vê (ao espelho),
Faz cortezias a si!...

O nobre contemporaneo ha-de perdoar que lhe digamos, que em tuão quanto escreveu a respeito da nossa pobre *chronica*, esteve divino; mas no tocante ao panegyrico hyperbolico que fez da sua propria *revista chronica*, diz o povo (*vox Dei*) que ainda ninguém peccou tão *enormemente* contra a modestia, e ha quem diga que até contra a verdade — mas isto é das calumnias da moda. Bem vemos que a sua *revista* merece centuplicados louvores, porém quando estes sahem da propria bocca, perdem mais que uma nota do banco reduzida a pintos.

Damos razão ao collega *pharolista* em nos não achar graça; sabemos que é defeito nosso, — mas lembre-se de que, se por acaso nos cahisse dos bicos da penna alguma pedrinha de sal, derretel-a-bia logo o fel de que a sua, aliás de tão bom aparo, anda sempre molhada. E demais a mais de fél de vacca! — porque o collega é uma pomba — não tem fél, não.

Mas olhe que nos não desconsolamos de ser inouso, porque faremos o que já de si disse um poeta nosso, capaz de pôr muito sal na moleira do collega:

« Refiro graças alheias
Se não nasci gracioso »

O collega então é o contrario, faz-nos ás vezes rir como um perdido. Quer saber: foi, nos parece, no num. passado. Líamos uns lindos versos seus, e quando chegamos a este:

« Que diz o sol, quando em brasa, »

deu-nos tanto no gotto, que o fomos logo juntar a est'outros em que Bocage espera vêr

« A lua a tomar tabaco
E o sol tremendo com frio. »

o que achamos agora poder bem ter já succedido, n'alguma dessas occasiões em que elle não está em brasa. Damos o *cavaco* por estas surriadas que os poetas fazem ao sol, sobre tudo quando um certo lyrico nol-o descreveu ao nascer, n'um dia de nevoeiro

« Com o semblante suado e polvoroso. »

Isto é rico!

Mal perdoaremos porém ao collega, suppôr a nossa *chronica* tão inoffensiva como as columnas do *Grátis*, porque algum praguento diria então, que só por *tal preço* podiam ter voga e acceitação os louvores (que protestamos repetir e propagar) do mui jocundo e bicudo *revisteiro* do *Pharol*. Já vê o collega, quanto zelamos a sua bella prosa — para nós guardamos a mais completa abnegação.

Dizem que o collega nos chamou muita cousa desagradavel — nós não percebemos! O de que estavamos para nos escandalisar, é de nos ter chamado *attencioso*. Attencioso! isto no dictionario do collega é uma personalidade, uma injuria!... Mas somos tão seu amigo, que até isso lhe não levamos a mal.

Armou por ultimo o collega um *simile* que nos podia fazer encordoar, se a nossa stirpe de barão tivesse o desar de ser *enserolada* como muitas que nós conhecemos. Mas ainda isto nos veio acordar outra reminiscencia poetica, e agora foi plebêa: é uma daquellas *decimas de novidades* de José Daniel, no *Almoço das Petas*. D'antes tinhamos quêda para as paródias, agora vamos a vêr.

Lá vai decima.

Os oleiros fazem potes,
Os alfaites capotes.
Faz botas o çapateiro,
Faz *espírito* o revisteiro.
Os chronistas levam tundas,
Porque fazem brechas fundas.
O *cavaco* faz serões,
A sovar os toleirões.
Os *fósseis* veem-se azues,
Hoje que ha ventos sués!..

Confessamos ao collega pharolista, que nos *ventos sués* somos plagiarios...

Ao contemporaneo dos *Pobres no Porto*, temos só a agradecer, mais uma vez, o favor com que costumava ler estas nossas «mogigangas». E não menos cordialmente ao amavel collega e mestre da *Revista Popular*, que parece esperar de nós o que não temos, e fazer-nos mais *malicioso* do que somos.

Ao illustre cavalheiro *Sallustio*, redactor da revista do *Jardim das Damas* devemos uma explicação mais lata, a qual bem sabemos que devia ser em latim, mas temos medo que nos chamem *abbade* (*suppresso nomine*) ou fossil. Cautella! Diz o contemporaneo na sua revista do num. 26:—

«O *Gremio Litterario* vai abrir os seus cursos. O «sexo amavel alli terá entrada, com mais proveito «que nas gallerias da *Liga*. Dizem-nos que um espi-«rituoso folhetinista, que se assigna Barão, tenciona «abrir um curso de eloquencia epistolar: se alli se «junctarem como alumnos os dois sexos, propomos «que na secção das epistolas amorosas haja exercicios «e *themas* poeticos, ou sabbatinas.» Ha-de nos perdoar o collega, está enganado.— Nunca propuzemos tal curso, porque até nem somos do *Gremio*. O seu a seu dono. Quem propoz esse curso foi o sr. Silva Tullio (pessoa a quem somos pouco affeioado); por signal nos asseveraram que na sessão convocada para se entregarem os programmas exigidos pelos estatutos, só elle (do curso de *Epistolographia*) o o sr. Viale (do curso de litteratura grega) é que apresentaram os seus programmas! Estes dois socios foram dos poucos que votaram contra a questão dos escriptos. Nós cá não somos d'arcas encoiradas—esta é que é a verdade.

Finalmente a *Liga* desatou, no Domingo, o nó gordio dos seus estatutos. E foi o Sr. Derramado o Alexandre Magno desta facauba. Fallou o honrado an-

cião com tanta auctoridade e boas razões, a pró de se conciliarem as diferentes propostas apresentadas sobre a admissão dos socios, que a final de contas o porto franco ficou limitado, pela abonação de dois socios que deve prestar o candidato proposto.

Quasi no fim da sessão, o Sr. Coelho de Magalhães rompeu na mais destemperada objuratoria que temos ouvido. Escandalizou a todos, e ninguem lhe deu razão. O Sr. Palmeirim respondeu-lhe triumphantemente, como era de esperar, porque

«Em cousas desta valia

Não pôde haver covardia.»

Tambem nos regosijamos de vêr a vehemencia com que o Sr. J. I. Guedes propugnou pelo decoro d'assemblêa, fustigando maravilhosamente a incuria e paz d'alma do presidente. Este é que provocou aquella estalada que fez o Sr. Magalhães, o qual privado da palavra havia já umas tres sessões, quando lhe vocou a sua vez, soltou a represa com tal impeto que iamos tendo um diluvio de improperios! O presidente (Sr. Ayres de Sá) pondo-se a prumo sobre o estrado, fez uma especie de proclamação resignando a cadeira, visto que todos lhe faziam censuras. A assemblêa nestas alturas, já atacada de abrimentos de bocca, votou tacitamente que eram horas de ir jantar (apoiados geraes) e tudo abalou.

Parece que temos *crise directorial* no *Gremio*. Atribue-se ao *cavaco* (que incommoda muito o conselho director) a ventura de fazer com que esta associação venha a ter um conselho que não ande sempre *empattado!*

Vamos a ter um baile no mar, já que ha tão poucos em terra. Diz-se que o darão, um destes dias, os officiaes do vapor brasileiro *Affonso* que está surto no Tejo. Esta bonita fragata, que é destinada para as viagens do imperador, foi feita em Liverpool, custou uns 250 contos da nossa moeda; é da força de 350 cavallos, mas tem sómente 6 peças, e não traz guarnição militar. Já por isto se conhece que, um vapor de guerra que não pôde dar salvas, nem se lhe vê uma sentinella ao portaló, faz pouca vista. Este barco teve logo um tropheu na sua primeira viagem, salvando perto de duzentas pessoas da galera *Ocean Monarch*, que iam emigradas para a America. O commandante, capitão de mar e guerra Marques Lisboa, mostra com a ufania propria de bravo maritimo, a medalha de ouro que (por este feito) lhe conferiu a *sociedade humanitaria* de Londres, e um precioso cronómetro com que pelo mesmo motivo, o brindou o governo inglez. Neste vapor vai para o Rio de Janeiro, o Sr. P. d'Alcantra Lisboa, instalar um curso de chimica, que estudou em Pariz, com muita distincção. Foi proposto socio do *Gremio Litterario*.

Uma das cousas mais notaveis da semana, foi sem duvida, a carta que o Sr. Dr. Veiga fez publicar nos jornaes, contando-nos o *calote* que lhe pregaram uns maganões do Riba-Tejo, que o chamaram de Lisboa

para lhes ir defender uma causa, fazendo-o andar a pé, debaixo de chuva, umas cinco legoas, gastando oito cruzados novos, abalando-se os clientes sem lhe darem nem real! E' o caso de se dizer: « Quem apanha uma arvéloa é mais esperto que ella. »

O novo retrato da rainha para a camara dos deputados não é tal feito pelo Sr. Balaca. Ha tres competidores. Melhor informados diremos como isto se passou.

A primeira semana do anno assignalou-se logo por sete mortes desastrosas. Foram cinco musicos do vapor brasileiro, que voltando-se o escaler quando atracava a bordo, de vinte pessoas que baldearam ao mar, só elles desappareceram: e dois carvoeiros, que morreram asphixiados, por adormecerem ao pé de um brazido de bolas. O collega do *Pharol* que se offereceu para philosophar sobre os factos que apresentassemos, dir-nos-ha que reflexões elle suscitaram estes desastres, e que influencia elle terá sobre o anno novo.

Alviçaras! Grande novidade! O nosso cabelleiro nacional, o *jonota* dos obelleireiros, Mr. Aranjio (rua Augusta) acaba de receber de Londres, uma thesoura que tem a propriedade de fazer sahir os cabellos brancos! A dous pomadas de Mr. Baron!

Barão d'Alfeuim.

NOTICIAS.

FUNDOS PUBLICOS.

Em 5 de Janeiro.

PRAÇA DE LISBOA.

No dia 30 de Dezembro o preço dos fundos foi o seguinte:

	Compra	Venda
Notas do Banco de Lisboa	23020	23000
Tres operações	24	25
Inscripções de 5 por cento	45	46
Ditas de 4 por cento	37	39
Papel-moeda	10	12
Titulos antigos (azues)	6	8
Escriptos para as alfandegas	88	90
Na 6.ª parte	84	85
Acções do Banco de Portugal	4653000	4703000
Ditas das Lezírias	3653000	3703000
Ditas — Seguro Firmeza	3603000	3653000
Ditas — Fidelidade	233000	243 p. c. pr.
Ditas — Omnibus	703000	753000
Ditas — Pescarias	273000	283000
Ditas — Vapores do Téjo	193000	213000
Ditas — União Commercial	573000	603000
Ditas — Fiação e Tecidos	703000	723000
Ditas — Villa d'Azambuja	1003000	por acção.
Confiança Nacional	3953000	4003000
Obras Publicas		2 a 3 por cento

CEREAES.

Trigo do reino rijo, a bordo alqueire de	300 a 360
Molle, a bordo	380 a 460
Das Ilhas, a bordo	330 a 370

Cevada do reino, a bordo	150 a 170
Das Ilhas, a bordo	140 —
Milho do reino, a bordo	270 a 275
Das Ilhas, a bordo	— —
Centeio, a bordo	200 a 210

METAES.

	Compra	Venda
Peças de 83000	73980	83000
Oncas hespanholas	143570	143680
Soberanos	43490	43500
Ouro cerecado	13940	13970
Dito em barra	25	26
Patacas hespanholas	920	923
Ditas brasileiras	920	923
Ditas mexicanas	920	923
Prata em barra	28	—

CÂMBIOS EM LISBOA.

Em 22 de Dezembro

	Cambios	Cotado	Dinheiro	Papel	Effectuado
Londres 30 d. v.	52 5 oit.	—	—	—	52
» 60 d. v.	52	—	—	—	52 5 oit
» 90 d. v.	53	—	—	—	52
Pariz 100 d. d.	533	—	—	—	—
» 3 d. v.	542	—	—	—	—
Hamburgo 3 m. d.	48	—	—	—	48
Amsterdã . . . dito	42	—	—	—	42
Genova dito	530	—	—	—	530
Vienna dito	400	—	—	—	—
Trieste dito	400	—	—	—	—
Liorne dito	142	—	—	—	—
Napoles dito	750	—	—	—	—
Madrid 15 d. v.	910	—	—	—	—
Cadiz 15 d. v.	915	—	—	—	—
Porto 8 d. v.	1 p. c.	—	—	—	1 p. c. d.

ESTADO DO MERCADO.

Algodão — Continúa empatado.

Arroz — Existia uma pequena porção do *colino*, o qual se vendeu a 8:400 réis o quintal. — Ha falta do do Maranhão e Pará superior, este podia valer 6:600 a 7:200 réis o quintal, despachado.

Assucar — As vendas limitaram-se ao consumo, e com pouca animação.

Borrara — Empatada.

Café — Tem continuado as vendas tanto para consumo, como para reexportar. — Ha falta da primeira qualidade, que é procurada.

Cera — Algumas vendas para reexportar.

Couros — Algumas vendas para consumo.

Gomma copal — Algumas vendas para reexportação.

Pimenta — Vendas para consumo.

Marfim — Effectuaram-se algumas vendas.

Salsa parrilha — Effectuou-se alguma venda da superior para reexportar.

Urzella — Empatada.

Com um dos proximos numeros se distribuirá o frontespicio e index dos artigos do 1.º volume.